

Resumo de notícias econômicas

19 de Outubro de 2021 (terça-feira)

Ano 3 n. 197

Núcleo de Inteligência da Sedet



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO E TRABALHO

PRINCIPAIS NOTÍCIAS DE POLÍTICA ECONÔMICA: 19 OUTUBRO DE 2021

PIB da China desacelera no terceiro trimestre (19/10/2021)

Broadcast

A economia da China desacelerou no terceiro trimestre, prejudicada por escassez de energia, gargalos nas cadeias de abastecimento e turbulências no mercado imobiliário. Internamente, a situação eleva a pressão sobre o governo para mais ações para tentar alavancar a recuperação econômica. Externamente, aumenta a preocupação de nações como o Brasil, que tem o país asiático como o principal destino das exportações de suas commodities (matérias-primas cotadas em dólar).

A China é comparada a um motor para o crescimento global. Em setembro, a economia chinesa registrou seu pior desempenho desde os primeiros dias da pandemia.

Os dados divulgados na noite de domingo mostram que o PIB cresceu 4,9% entre julho e setembro em relação ao mesmo período do ano anterior, o menor índice desde o terceiro trimestre de 2020 e abaixo das previsões. Uma pesquisa da agência de notícias Reuters com analistas apontava para um aumento do PIB de 5,2% no período. No segundo trimestre, a economia chinesa havia crescido 7,9%. Desde o início de 2021, o PIB da China acumula alta de 9,8% em relação ao mesmo período do ano passado.

A economia chinesa teve uma recuperação impressionante desde a crise pandêmica de 2020, graças à contenção eficaz do vírus e à alta demanda no exterior por produtos manufaturados do país. Mas a retomada perdeu força desde o crescimento explosivo de 18,3% registrado no primeiro trimestre deste ano. Os números fracos fizeram com que o yuan e a maioria dos mercados de ações asiáticos caíssem em meio a preocupações mais amplas de investidores sobre a recuperação econômica mundial.

A segunda maior economia do mundo enfrenta a crise da dívida da gigante do setor imobiliário Evergrande, atrasos na cadeia de abastecimento e uma grave escassez de eletricidade, o que derrubou a produção das fábricas ao ponto mais fraco desde o início de 2020, quando pesadas restrições relacionadas à covid-19 estavam em vigor. “A

recuperação econômica doméstica ainda é instável e desigual”, disse o portavoza do Escritório Nacional de Estatísticas (NBS, na sigla em inglês), Fu Linghui.

Há motivos de sobra para que o governo fique preocupado. As siderúrgicas enfrentaram cortes de energia. A escassez de chips de computador desacelerou a produção de automóveis. Empresas imobiliárias problemáticas compraram menos material de construção. As inundações interromperam os negócios no centro-norte China. A queda poderia ter sido pior. No entanto, dois pontos positivos impediram a estagnação da economia. As exportações permaneceram fortes e as famílias, especialmente as mais ricas, voltaram a gastar com refeições e outros serviços. As vendas no varejo aumentaram 4,4% em setembro em relação ao ano anterior.

As autoridades chinesas dizem estar atentas, embora evitem a adoção de um grande programa de estímulo e adotem ações pontuais. “As atuais incertezas no ambiente internacional estão aumentando, e a recuperação econômica doméstica ainda é instável e desigual”, disse Linghui. Nos últimos meses, o governo colocou em prática uma série de medidas para enfrentar a desigualdade de renda e domar os negócios, em parte com o objetivo de proteger a saúde da economia. No entanto, os esforços, incluindo punir empresas de tecnologia e desencorajar a especulação imobiliária, também acabaram atrapalhando o crescimento da economia no trimestre.

Fundo canadense e Votorantim criam empresa de energia de R\$ 17 bi (19/10/2021)

Broadcast

O fundo de pensão canadense CPPIB e a Votorantim S.A. decidiram juntar seus ativos no setor e criar uma empresa avaliada em R\$ 17 bilhões e com faturamento de R\$ 6 bilhões. A nova companhia vai incluir negócios da Votorantim Energia, a Companhia Energética de São Paulo (Cesp) e outros ativos nos quais as duas partes são sócias. Também faz parte da transação a Votorantim Comercializadora de Energia – Votener, que em 2020 negociou 2,6 gigawatt (GW) médios. No total, a nova empresa terá capacidade de 3,3 GW, sendo 70% de fonte hídrica e 30% de eólica.

A hidrelétrica Porto Primavera, de 1.540 MW, será um dos principais ativos do portfólio da empresa. A usina fazia parte da estatal paulista, arrematada em 2018 pelo consórcio formado pela Votorantim e pelo CPPIB, por R\$ 1,7 bilhão. Além da Cesp, as duas empresas também tinham uma joint venture, a VTRM, criada em 2017 para investir em geração. Com a junção dos ativos, a Votorantim terá 38% de participação na companhia, enquanto a CPPIB ficará com 32,1% e os minoritários, com 29,9%. Para chegar a essa formação, o fundo canadense vai aportar R\$ 1,5 bilhão na nova empresa.

Segundo o chefe de investimentos na América Latina da companhia canadense, Rodolfo Spielmann, os recursos serão usados para aquisição ou construção de novos projetos, sobretudo de energia solar. O objetivo é apostar nas usinas centralizadas (grandes parques) e diversificar o portfólio da empresa, que vai integrar o novo mercado da B3, a Bolsa paulista.

O negócio envolve ainda uma reorganização societária das ações da Cesp. A proposta foi encaminhada ao conselho de administração da companhia e depende da formação de um comitê independente nos termos da CVM e das aprovações de órgãos reguladores. Quando o processo for concluído, os minoritários da Cesp passarão a ser acionistas da nova empresa, que vai controlar integralmente a companhia paulista.

Outra novidade, de acordo com Spielmann, é que os dois acionistas vão criar uma desenvolvedora de novas tecnologias para a transição energética, como baterias e hidrogênio verde. Essa unidade será um braço de desenvolvimento da nova empresa. “O benefício desse processo é que a nova companhia estará mais capitalizada para investir, terá uma governança diferente e estará listada no novo mercado”.

A retomada dos investimentos (19/10/2021)

Reuters

É rápida, mas muito desigual, a recuperação dos investimentos estrangeiros diretos no mundo. Novas estatísticas da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad) mostram que, no primeiro semestre deste ano, esses investimentos alcançaram US\$ 852 bilhões. O resultado é muito superior ao esperado pela agência especial da ONU. Na primeira metade deste ano, o fluxo de investimentos

externos recuperou 70% das perdas provocadas pela pandemia no ano passado. É sinal de retomada de um fluxo essencial para o crescimento da economia mundial.

O Brasil tem sido grande receptor de investimentos estrangeiros diretos, o que vem assegurando uma situação confortável das contas externas do País. Mas, embora o volume absorvido pela economia brasileira continue alto, o ritmo da entrada desses recursos é menos intenso do que o observado em outros países.

Em média, os investimentos estrangeiros diretos em todo o mundo no primeiro semestre deste ano foram mais de 70% maiores do que os de igual período de 2020. Mas houve uma grande concentração no destino desse capital em geral destinado a ampliar ou modernizar a capacidade produtiva dos países receptores.

Nos países de alta renda, o aumento foi muito maior do que nos países de renda média. E nos países de baixa renda, o ingresso neste ano está sendo ainda menor do que no ano passado. Os países ricos absorveram 75% dos investimentos adicionais feitos de janeiro a junho, na comparação com igual período de 2020.

Nos países de renda média ou baixa, fatores como estabilidade política e econômica, eficiência no combate à pandemia e perspectivas de médio e longo prazos são determinantes para a atração de investimentos externos. Na América Latina, o aumento do fluxo foi de 22,6%, de US\$ 62 bilhões no primeiro semestre do ano passado para US\$ 76 bilhões em 2021.

No Brasil, o aumento do ingresso de investimentos diretos estrangeiros é menos intenso do que o crescimento médio observado na região. Dados do Banco Central mostram que, de janeiro a agosto deste ano, foram registrados US\$ 36,24 bilhões de investimentos diretos no País, valor 14,9% maior do que o registrado em igual período do ano passado, de US\$ 31,55 bilhões. O quadro político e econômico interno explica boa parte desse desempenho menos expressivo do que o de outros países.

Outra disparidade observada nas estatísticas da Unctad se refere à distribuição dos investimentos por setores da economia. Projetos de infraestrutura são os que vêm recebendo maiores investimentos neste ano, graças às condições favoráveis de financiamento. A indústria, de outra parte, vem perdendo investimentos, por causa dos problemas de suprimento em todo o mundo.

Escola de negócios Insper se reinventa no setor de tecnologia (19/10/2021)

Broadcast

Com quase 20 anos, o Insper é muito conhecido pelos seus tradicionais cursos de Economia e de Administração de Empresas. Mas a escola, que nasceu com essas graduações de perfil mais clássico, voltadas a negócios, também vem se posicionando nos últimos anos em tecnologia. Assim como as empresas estão cada vez mais digitais, processo que foi acelerado com a pandemia de covid-19, a instituição de ensino vai deixar agora mais clara essa sua faceta digital.

Por isso, seis anos depois de colocar o primeiro pé na área de tecnologia, com um curso de Engenharia da Computação, o Insper prepara o lançamento de formação em Ciências da Computação – o que marcará a guinada do perfil da escola. Além de entrar em um nicho de elevada demanda pelas empresas – até 2024, mais de 400 mil vagas devem ser abertas para TI no País –, o novo curso faz parte de um projeto mais ambicioso. A instituição está em vias de anunciar uma parceria com uma universidade americana, cujo nome ainda é mantido a sete chaves, que englobará não apenas um intercâmbio entre docentes e alunos, mas também deve significar novos cursos voltados à área de tecnologia para a grade. Segundo Guilherme Martins, diretor de graduação do Insper, o “namoro” com essa instituição ganha força e a parceria deve ser anunciada.

O novo curso, que acaba de receber o sinal verde do Ministério da Educação (MEC), vem para coroar um processo de evolução da instituição de ensino, segundo Martins. “A escola está repleta de computação. Todos os alunos já aprendem a programar, essa é uma habilidade transversal. O curso de Ciência da Computação se encaixa como uma luva nesse novo direcionamento estratégico de entregar cursos em áreas relevantes para a transformação da sociedade.”

A presença transversal da programação significa que todos os cursos têm a matriz de tecnologia incorporada. O executivo do Insper explica que o advogado que se formar conhecerá a linguagem de programação. A ideia é que essa habilidade ajude no dia a dia do ofício, servindo de diferencial na hora de disputar vagas de trabalho. O curso de Direito faz parte da expansão do portfólio do Insper e foi criado em 2021.

Bons sinais da recuperação do turismo (19/10/2021)

O Estado de S. Paulo

A recuperação do turismo em São Paulo, sobretudo o de negócios, vem contribuindo para o crescimento do setor em todo o País. Em agosto, o índice de atividades turísticas calculado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) teve alta de 4,6% sobre julho, na quarta alta mensal consecutiva. Nesses quatro meses, a alta acumulada alcançou 49,1%. Houve crescimento em 8 dos 12 locais pesquisados, mas, como observou o IBGE, a contribuição mais positiva foi a de São Paulo, onde a atividade turística teve aumento de 4,6% no mês.

Embora construído com base em outros dados e utilizando outra metodologia, o Índice Mensal de Atividade do Turismo de São Paulo, calculado pela Federação do Comércio de Bens de São Paulo (Fecomerciosp), reforça a recuperação aferida pelo IBGE. Em agosto, o índice da Fecomerciosp, que se baseia na atividade do setor de turismo da capital paulista, teve alta de 1,6% sobre o mês anterior, também registrando a quarta alta mensal consecutiva. Em relação a agosto de 2020, a alta foi de 59,9%.

Em São Paulo, a recuperação vem sendo puxada principalmente pelo turismo de negócios, de grande importância para a cadeia hoteleira da cidade. A taxa de ocupação dos hotéis paulistanos está se aproximando de 50%, numa recuperação que se mantém mesmo depois do período de férias escolares.

Ainda há espaço para recuperação rápida do turismo de negócios. Segundo o índice da Fecomerciosp, o índice desse segmento ainda está 19% abaixo do nível registrado no primeiro bimestre de 2019, isto é, no período imediatamente anterior à chegada da covid-19 ao País.

Os vários componentes do índice paulistano mostram bom desempenho nos últimos meses. Cresce, embora em velocidade menor, o nível de emprego. Da mesma forma, aumenta o número de passageiros rodoviários (embora o total de passageiros nos aeroportos tenha diminuído em agosto). O faturamento ficou praticamente estável no mês, mas a retomada dos eventos no segundo semestre deve impulsionar o aumento nos próximos meses.

Governo propõe R\$ 70 bilhões a menos para regra de ouro (19/10/2021)

O Estado de S. Paulo

Com dificuldades de aprovar um crédito suplementar de R\$ 164 bilhões para pagar despesas correntes sem descumprir a chamada regra de ouro, a equipe econômica enviará ao Congresso mensagem pedindo a redução do valor.

O Ministério da Economia solicitará que o crédito seja de R\$ 93,9 bilhões. A equipe do ministro Paulo Guedes enviará um ofício pedindo que seja modificado o projeto de lei que trata do assunto. A justificativa é que houve melhora de arrecadação e remanejamento e redução de despesas e, portanto, o valor necessário agora é menor.

O novo montante, no entanto, ainda está bem acima do calculado pelo relator do projeto, Hildo Rocha (MDB-MA), que, no fim de agosto, apresentou um relatório em que autorizou a realização de empréstimos para bancar apenas R\$ 28,5 bilhões.

Rocha disse que vai aguardar o ofício do Ministério da Economia para analisar se dará um novo parecer e atenderá o governo. “Só aí já foi uma grande conquista. Já estamos economizando R\$ 70 bilhões de empréstimos. Não é pouca coisa”, disse. Hildo Rocha ainda sustenta que não vê necessidade de autorizar um valor acima do que está em seu relatório, alegando excesso de arrecadação dos últimos meses e projeções feitas por técnicos da Câmara para o resultado das receitas até o fim do ano. “A não ser que me provem que os números são outros, aí eu mudo na mesma hora, sem problema nenhum.” “Estamos economizando R\$ 70 bilhões de empréstimos. Não é pouca coisa.” Prevista na Constituição, a regra de ouro proíbe o governo de realizar operações de crédito, como empréstimos no mercado financeiro, em um montante acima do que gasta com investimentos.

A lógica é que os empréstimos não sejam usados para o pagamento de gastos como salários e custeio da máquina.

Com pandemia, comércio online mais que dobra e já chega a 21% das vendas (19/10/2021)

O Estado de S. Paulo

A pandemia provocou um salto na participação das vendas online no faturamento das empresas do comércio varejista brasileiro. Antes da crise sanitária que obrigou o fechamento das lojas físicas, o ecommerce representava, em média, 9,2% da receita. Mas, em julho do ano passado, com apenas quatro meses de pandemia, essa marca mais do que dobrou e foi para 19,8%. E, em junho deste ano, já estava em 21,2%.

“O resultado confirma com números a hipótese de que as empresas aceleraram o processo de digitalização ao longo da pandemia, principalmente para minimizar os impactos negativos da queda de circulação de pessoas nas lojas físicas”, observa o economista Rodolpho Tobler, coordenador da Sondagem do Comércio, feita pela Fundação Getúlio Vargas. As vendas online, de acordo com os critérios adotados pelo estudo, incluem os negócios fechados no site, no aplicativo da loja e por Whatsapp.

A rápida digitalização ocorreu praticamente de maneira uniforme em empresas de todos os tamanhos: pequenas, média e grandes. Com a reabertura das lojas físicas, Tobler diz que pode haver uma certa correção nos próximos meses, mas ele acredita que muitas mudanças vieram para ficar. Ele argumenta que essa nova forma de vender atraiu novos consumidores de várias localidades do País e propiciou impacto favorável no negócio dos varejistas.

Para avaliar o saldo líquido nas vendas do comércio provocado pelo abre e fecha e o impulso dado pelo comércio online, o economista comparou o desempenho de dois grupos de varejistas que atuam no online. As empresas cuja fatia do ecommerce na receita está acima da média do setor conseguiram, desde meados do ano passado até hoje, obter um desempenho melhor de vendas em relação ao grupo de companhias cuja participação do online nos negócios está abaixo da média de mercado.

O economista destaca dois momentos importantes que mostram que as empresas mais digitalizadas estão à frente das menos digitalizadas em desempenho de vendas. O primeiro momento foi no fim do ano passado, quando a recuperação do comércio foi puxada pelas varejistas cujas vendas do online respondiam por uma fatia

maior do que a média dos setores, de acordo com informações apontadas pela sondagem, levando em conta o nível de demanda atual.

O outro momento foi no início deste ano, com a segunda onda da pandemia. O estudo mostra que todo o varejo foi afetado por causa das restrições mais severas ao funcionamento das lojas físicas. No entanto, as companhias com participação das vendas online no faturamento acima da média do mercado sofreram menos e registram uma demanda ainda importante por seus produtos, observa Tobler.

Outro resultado significativo apontado pela sondagem da FGV é que 49,7% das empresas – quase a metade – não faziam nenhuma venda online antes da pandemia. Em julho do ano passado, essa fatia tinha recuado para 28,4% e em junho este ano estava em 20,2%.

Isso significa que quase 80% de todas as varejistas consultadas pela sondagem faziam uso de canais digitais. Esse número é ainda mais significativo para as empresas de grande porte, com mais de 90% das companhias usando canais online. Já as empresas de menor porte continuam mais resistentes à digitalização, com quase 30% do número de varejistas focadas só nas lojas físicas.

Com a avanço da vacinação e a reabertura da economia, Tobler acredita que a tendência é de estabilização das vendas do varejo como um todo por causa da concorrência maior dos gastos com serviços que ficaram de lado na fase mais crítica da pandemia. Mesmo assim, Tobler acha que a fatia das vendas online no comércio varejista brasileiro como um todo, que girava em torno de 5% antes da pandemia, possa fechar este ano em 10%.

Nubank deve ser primeiro a abrir capital na Nasdaq e na B3 no mesmo dia (19/10/2021)

Broadcast

O Nubank deve estreiar nas Bolsas – no plural. A abertura de capital do banco digital está prevista para acontecer no mesmo dia na Nasdaq e na B3, em São Paulo. Inédito, o processo simultâneo foi permitido após a recente mudança de regras da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e fez com que a operação fosse um pouco mais

demorada. Por isso, a oferta inicial de ações (IPO, na sigla em inglês), prevista para outubro ou novembro, deve acontecer a partir do fim do mês que vem. A expectativa é de que seu valor de mercado fique entre US\$ 50 bilhões e US\$ 70 bilhões. Bem menos, portanto, do que foi ventilado há alguns meses, de alcançar US\$ 100 bilhões.

Os documentos da oferta do Nubank devem se tornar públicos nos EUA nas próximas semanas. No Brasil, serão listadas BDRs (Brazilian Depositary Receipts, que representam ações emitidas lá fora). O Banco Inter pretende fazer um IPO no mesmo modelo. Com o valor de mercado acima de US\$ 50 bilhões, o Nubank vai superar os tradicionais bancos brasileiros listados em Nova York. O Itaú Unibanco, maior banco privado da América Latina, é avaliado em US\$ 42 bilhões na Bolsa de Nova York (Nyse). O Bradesco vale US\$ 34 bilhões.

O tamanho da oferta está sendo discutido entre o Nubank e os bancos coordenadores – Morgan Stanley, Citi e Goldman Sachs. Mas pode ficar ao redor de US\$ 3 bilhões. A fintech fechou o semestre com 41 milhões de clientes. Enquanto o mercado de IPOs no Brasil azedou, com várias ofertas adiadas ou canceladas, nas últimas semanas, nos EUA os negócios seguem fortes. Segundo o executivo de um banco estrangeiro, o mercado norte-americano não fecha, apenas se ajusta.

Governo sinaliza com prorrogação do auxílio emergencial (19/10/2021)

O Estado de S. Paulo

Uma das possibilidades é estender o benefício por 60 dias, com sobras de R\$ 12 bilhões do Bolsa Família.

Sob pressão para definir como ficarão as políticas sociais a 13 dias do fim do auxílio emergencial, o governo tem agora na mesa uma nova proposta de arranjo dos benefícios, que incluiria o Auxílio Brasil e duas parcelas complementares, pagas uma dentro e outra fora do teto de gastos, a regra que limita o avanço das despesas à variação da inflação. Essa alternativa levaria os beneficiários a receberem em média R\$ 400 em 2022, quando o presidente Jair Bolsonaro buscará a reeleição.

A ideia se soma a outras opções que são analisadas pelo Planalto, num ambiente de muita tensão e informações desencontradas de autoridades e de políticos. Ontem, o presidente chegou a falar sobre a possibilidade de prorrogar o auxílio emergencial, que hoje paga R\$ 150 a R\$ 375 a 39 milhões de brasileiros.

A nova alternativa seria pagar o Auxílio Brasil no valor médio que cabe dentro do Orçamento atual do programa (R\$ 35 bilhões). Esse valor é estimado em R\$ 194,45, conforme parecer de mérito elaborado pelo Ministério da Cidadania obtido por meio da Lei de Acesso a Informação (LAI). Além dessa parcela, haveria duas adicionais de cerca de R\$ 100 cada, pagas ao mesmo público que receberá o Auxílio Brasil – o governo almeja alcançar 17 milhões de famílias. Uma dessas parcelas adicionais temporárias seria paga dentro do teto de gastos, com o espaço aberto por meio da aprovação da PEC dos precatórios. Com isso, a parcela do teto chegaria a R\$ 300, a começar a partir de novembro. O ministro da Economia, Paulo Guedes, rejeita a ideia.

A outra parcela, que faria o benefício total chegar a R\$ 400, seria paga fora do teto de gastos, segundo interlocutores da ala política do governo. Segundo apurou o Broadcast, a busca é para convencer o ministro da Economia, já que “apenas parte” do novo benefício ficaria fora de limite de despesas.

Mercado já estima inflação de 8,7% no ano (19/10/2021)

Broadcast

A projeção do mercado financeiro para a inflação se distanciou ainda mais do teto da meta fixada para este ano, de 5,25%. Segundo o relatório Focus, uma compilação feita pelo Banco Central, a expectativa dos analistas subiu de 8,59% para 8,69%, na 28.^a alta consecutiva. Há um mês, estava em 8,35%. A projeção para 2022 também subiu – de 4,17% para 4,18%. Quatro semanas atrás, estava em 4,10%.

A meta é fixada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN). Para alcançá-la, o BC eleva ou reduz a taxa básica de juros (Selic). Com a possibilidade cada vez mais concreta de descumprimento da meta, o BC terá de enviar uma “carta aberta” ao Ministério da Economia para explicar as razões do estouro.

Mesmo com a revisão na estimativa da inflação, os economistas mantiveram suas projeções para a Selic no fim deste ano e em 2022. Para 2021, a projeção seguiu em 8,25% e, para o ano que vem, continuou em 8,75%. A Selic está em 6,25%, e o Comitê de Política Monetária já sinalizou novo aumento na reunião marcada para os próximos dias 26 e 27. Os analistas reduziram ainda a projeção para o crescimento do PIB neste ano, de 5,04% para 5,01%.

Custo com térmicas vai pesar mais nas contas (19/10/2021)

O Estado de S. Paulo

A crise elétrica, provocada pela queda no nível dos reservatórios das hidrelétricas, deve continuar pressionando a conta de luz em 2022, mesmo com a melhora do cenário de chuvas. A bandeira tarifária, que hoje está em R\$ 14,20 a cada 100 quilowatt hora (kwh), não tem sido suficiente para bancar os custos das térmicas. Segundo a Aneel, o déficit alcançou R\$ 8,06 bilhões em agosto.

No ritmo dos últimos três meses, esse descompasso entre arrecadação e despesas pode dobrar e superar R\$ 16 bilhões em dezembro, o que inviabiliza a promessa do presidente Jair Bolsonaro de reduzir a bandeira tarifária.

Uma alternativa seria conseguir um empréstimo no mercado para diluir esse repasse ao consumidor ao longo de um período, diz o pesquisador sênior do Grupo de Estudos do Setor Elétrico da UFRJ, Roberto Brandão. Na avaliação dele, este não é o momento para reduzir o valor da bandeira tarifária.

O aumento do déficit foi provocado, sobretudo, pela alta global dos combustíveis usados pelas térmicas – gás natural ou diesel. O aumento afetou o custo variável das usinas, que estão operando a plena carga para preservar os reservatórios. As térmicas (exceto a nuclear) produziram quase 30% de toda energia usada no mercado nacional. O preço de algumas delas está na casa de R\$ 2,2 mil o MWH.

Num primeiro momento, são as distribuidoras que arcam com esse custo elevado. Elas compram a energia do mercado, pagam e depois cobram do consumidor por meio da bandeira tarifária na conta de luz. Como essa arrecadação é inferior ao

custo total da geração térmica, as empresas ficam com um crédito a receber. Mas um volume muito elevado pode comprometer o caixa e a saúde financeira das companhias.

“Estamos conversando com o governo para encontrarmos uma solução para o problema. Eles estão debruçados sobre o assunto”, diz o presidente da Associação Brasileira de Distribuidores de Energia Elétrica (Abradee), Marcos Madureira.

Apesar de elevado, o valor definido para a bandeira vermelha ficou aquém do custo que está sendo bancado. Segundo uma fonte do setor, que prefere não se identificar, quando o governo bateu o martelo nos R\$ 14,20 para a bandeira de escassez hídrica, o valor inicial foi de R\$ 24.

Além da bandeira tarifária ainda em vigor, o preço da energia elétrica já vem de uma forte escalada nos últimos anos. Na média, a tarifa para o consumidor residencial subiu 84% de 2010 para cá, de R\$ 330,70 o MWH para R\$ 608,80, segundo dados da Aneel.

Cultura reduz lojas e cria serviço de assinatura para superar crise (19/10/2021)

Broadcast

Em recuperação judicial desde 2018, rede de livrarias fechou unidades, renegociou com credores na pandemia e criou clube em que cliente pode pegar livro emprestado; agora, espera que inovações puxem retomada do negócio. Desde 2015, quando começou a ter problemas financeiros, a Livraria Cultura vem tentando de tudo para sobreviver. Assumiu a operação da Fnac – recebendo R\$ 130 milhões –, comprou e vendeu o site Estante Virtual, entrou em recuperação judicial, fechou lojas e renegociou com editoras. A companhia começava a recuperar em 2020, quando recebeu o dinheiro da venda da Estante Virtual. No entanto, veio a pandemia, e a empresa se viu mais uma vez em dificuldades. Resultado: o plano de recuperação judicial, tocado pelo escritório Felsberg & Associados, teve de ser refeito – um novo acordo foi fechado em junho de 2021. Depois de retomar as atividades, em julho último, o presidente da Cultura, Sérgio Herz, diz que o negócio parece ter encontrado um modelo para operar no azul – apesar do grande crescimento de gigantes como a Amazon na pandemia.

Entre as apostas da rede para essa nova fase estão o redimensionamento das lojas, a implantação de um sistema que garante o pagamento aos fornecedores no momento da venda do livro e a aposta em um clube de assinaturas de R\$ 14,90 por mês.

A partir de novembro, a nova “cara” das lojas da Cultura vai ficar mais evidente, diz o presidente da empresa, com a reinauguração da unidade do Shopping Market Place, em São Paulo. Serão lojas menores, mas que terão um caráter de serviço: a ideia é ajudar o cliente a encontrar o livro que ele busca, evitando a perda da venda por limitações de estoque. O total de unidades – que chegou a 15, em 2015 – foi reduzido a cinco. Sobraram três em São Paulo (Conjunto Nacional, Market Place e Iguatemi), uma em Porto Alegre e outra em Recife. No processo de reestruturação, a Cultura saiu de Curitiba, Salvador, **Fortaleza** e Rio de Janeiro.

A rede conta com a retomada da venda de livros para colocar o negócio novamente no caminho do crescimento. Segundo o Sindicato Nacional dos Editores de Livros, o setor cresceu 48,5% em volume e 40% em receita na primeira metade de 2021, em relação a 2020. Outra questão foi a quebra de estoques – sem pagamento, as editoras deixaram de fornecer à rede. Com a implantação do sistema automático de pagamentos, a Cultura diz ter resolvido o problema. No entanto, na loja do Conjunto Nacional, o ainda há falta de produto.

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.

Assessoria de Comunicação – Sedet

Fone: (85) 3444.2900

www.sedet.ce.gov.br

INDICADORES ECONÔMICOS E SOCIAIS

Atualizado no dia 26.08.2021

TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL DO PIB (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	1,45	2,67	-3,56	5,77
Brasil	1,78	1,41	-4,06	4,85

VALOR CORRENTE DO PRODUTO INTERNO BRUTO ANUAL (PIB) (R\$ MILHÕES) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	155.903,82	166.959,80	168.285,73	188.355,17
Brasil	7.004.141,00	7.407.023,57	7.447.858,25	8.263.567,80

PARTICIPAÇÕES PIB ANUAL (%) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
PIB_CE/PIB_BR	2,23	2,25	2,26	2,28
Participações População (%)	4,35	4,35	4,34	4,33

Fonte: IBGE e IPECE. Atualizado em 17/06/2021.

Notas: (*) Valores estimados, sujeitos a revisão; (**) Valores projetados, sujeitos a revisão;

CONTAS EXTERNAS DO CEARÁ (US\$ MILHÕES) (JAN-JUL)				
	2018	2019	2020	2021
Exportações	1.025,65	1.130,41	951,02	1.406,49
Importações	1.305,02	1.097,79	1.206,18	1.742,31
Saldo Comercial	-279,37	32,62	-255,16	-335,82

Fonte: MDIC.

ESTOQUE DO VOLUME DE CRÉDITO				
	2018	2019	2020	2021 (Até junho)
Brasil (R\$ Tri)	-	3,48	4,02	4,21
Ceará (R\$ Bi)	71,32	76,77	87,14	91,18

Fonte: Banco Central.

PRINCIPAIS ÍNDICES				
ATIVIDADE (Acumulado até junho) (base: igual mês ano anterior) (%) – CEARÁ				
	2018	2019	2020	2021
Produção Física Industrial	0,0	2,1	-22,0	26,8
Pesquisa Mensal de Serviços	-9,2	-2,3	-13,4	5,8
Vendas Mensais do Varejo Comum	3,5	-1,1	-16,3	4,9
Vendas Mensais do Varejo Ampliado	4,2	2,9	-15,8	18,3
INFLAÇÃO (Acumulado até julho)				
	2018	2019	2020	2021
IPCA -BRASIL	2,83	2,54	0,90	5,81
IPCA -FORTALEZA	1,79	3,50	1,84	7,21
INPC - BRASIL	2,83	2,55	0,80	5,01
INPC - FORTALEZA	1,96	3,31	1,73	6,20
IGP-M	5,94	4,79	6,71	15,98

Fonte: IBGE e FGV.

MERCADO DE TRABALHO - CEARÁ				
INDICADOR	2018	2019	2020	2021.1
Desocupação (%)	10,1	10,1	14,4	15,1
Nível de ocupação (%)	50,3	50,8	42,8	40,4

População em idade de trabalhar	7.312 (100%)	7.410 (100%)	7.620 (100%)	7.623 (100%)
Força de trabalho (mil)	4.088 (56%)	4.185 (56%)	3.808 (50%)	3.631 (48%)
Ocupada (mil)	3.676	3.762	3.259	3.082
Formal (mil)	1.630	1.702	1.534	1.422
Informal (mil)	2.046	2.060	1.725	1.660
Desocupada (mil)	412	423	549	549
Fora da Força de trabalho (mil)	3.224 (44%)	3.225 (44%)	3.812 (50%)	3.992 (52%)
Desalentados (mil)	328	358	466	466

Rendimento médio real habitual de todos os trabalhos das pessoas ocupadas (R\$)				
	2018	2019	2020	2021
	1.525	1.685	1.656	1.766

Fonte: IBGE (PNAD Contínua).

ESTOQUE DE EMPREGO FORMAIS							
REGIÃO/ANO	2015	2016	2017	2018	2019	2020*	2021* (Até julho)
Ceará	1.542.759	1.443.365	1.464.948	1.471.704	1.509.818	1.523.809	1.569.938
Nordeste	8.899.279	8.436.203	8.543.651	8.647.237	8.683.272	8.704.355	8.930.303
Brasil	48.060.807	46.060.198	46.281.590	46.631.115	47.554.211	47.630.932	49.479.236

Fonte: RAIS/ME e NOVO CAGED.

* O estoque de empregos 2020: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020.

** O estoque de empregos 2021: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020 e 2021.

Saldo de Empregos Gerados - Acumulado - 2020 - CEARÁ						
	2020			2021		
	Admissões	Desligamentos	Saldo	Admissões	Desligamentos	Saldo
JAN	36.806	34.391	2.415	41.170	33.710	7.460
JAN-FEV	74.862	65.408	9.454	85.446	66.708	18.738
JAN-MAR	108.795	106.877	1.918	120.804	104.395	16.409
JAN-ABR	121.809	155.609	-33.800	151.363	131.936	19.427
JAN-MAI	136.612	181.915	-45.303	183.072	159.599	23.473
JAN-JUN	156.057	204.187	-48.130	221.170	188.461	32.709
JAN-JUL	184.009	226.332	-42.323	264.242	218.113	46.129
JAN-AGO	218.898	249.959	-31.061			
JAN-SET	256.917	275.933	-19.016			
JAN-OUT	300.873	304.085	-3.212			
JAN-NOV	341.536	329.998	11.538			
JAN-DEZ	372.208	358.217	13.991			

Fonte: NOVO CAGED.

ABERTURA/FECHAMENTO DE EMPRESAS NO CEARÁ (ACUMULADO DE JAN – JUL)				
ESPECIFICAÇÕES	2018	2019	2020	2021
Abertura	41.167	49.078	47.641	66.099
Fechamento	60.103	18.328	15.794	21.012
Total	-18.936	30.750	31.847	45.087

Fonte: JUCEC.

PECEM - TOTAL DE MOVIMENTAÇÃO DE CARGA (TONELADAS) (ACUMULADO DE JAN-JUL)				
PERÍODO	2018	2019	2020	2021
	9.996.015	8.914.954	9.215.552	11.659.544

Fonte: CIPP

CONSUMO (MWM) DE ENERGIA (ACUMULADO DE JAN-MAR)			
	2019	2020	2021
Ceará	2.931.400	2.789.513	3.001.983

Fonte: ENEL Ceará/Departamento de Faturamento.